

A elite brasileira e o saudosismo histórico: uma análise do podcast “A Mulher Da Casa Abandonada”¹

Amanda Cristina BORGES²

Éverly PEGORARO³

Universidade Estadual do Centro-Oeste, Unicentro

RESUMO

O objeto desta pesquisa é o podcast “A Mulher da Casa Abandonada” (2022), de autoria do jornalista Chico Felitti, em parceria com o grupo *Folha de São Paulo*. O produto conta a história de Margarida Bonetti, uma mulher nunca julgada por um crime que cometeu nos anos 1990, quando manteve uma mulher em condições análogas à escravidão nos Estados Unidos. Buscou-se identificar comportamentos que corroboram noções classistas e racistas que partem da protagonista, insinuando aspectos nostálgicos da elite brasileira, com relação ao seu status social e a uma suposta superioridade intelectual e financeira em relação aos que lhes prestam serviços.

PALAVRAS-CHAVE

Comunicação; história; jornalismo; memória; *true crime*.

1. INTRODUÇÃO

Lançado em julho de 2022, o podcast “A Mulher da Casa Abandonada”, produzido pela *Folha de São Paulo* e assinado pelo jornalista Chico Felitti, rememora um crime descoberto e julgado entre o final dos anos 1990 e início dos 2000. Em oito episódios, Felitti conta a história de Margarida Bonetti, uma mulher excêntrica que mora em uma casa em estado de abandono no bairro de Higienópolis, capital paulista. Ela, que mora exilada nesta residência, foi acusada de escravizar uma funcionária brasileira no período em que viveu nos Estados Unidos com o marido, Renê Bonetti (OLIVEIRA, 2022).

Apesar da situação precária que se encontrava no período em que Felitti apurou a história, em julho de 2022, Margarida acumulava uma quantidade considerável de bens, em especial terrenos, resultado de uma herança generosa de família. Isto é, apesar do abandono, a mulher já teve um alto poder aquisitivo e prestígio social e, por conta disso, mantém parte dos bens que a colocaram nessa posição no passado.

¹Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos da Comunicação, evento integrante da programação do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 13 a 15 de junho de 2024.

²Aluna do 3º ano do curso de Jornalismo da Unicentro. Bolsista de Iniciação Científica pela Fundação Araucária 2023-2024. E-mail: amandacborges40@gmail.com.

³Orientadora do trabalho. Professora do Departamento de Comunicação Social da Unicentro. E-mail: everlypegoraro@gmail.com.

Durante o desenrolar dos episódios, é possível perceber que o comportamento de Margarida revela um sentimento, infundado e que apenas ela acredita, de superioridade financeira mas, sobretudo, intelectual e social para com aqueles que trabalham para ela. Esse é um traço observado por Souza (2017). O autor argumenta que a classe média brasileira, por se encontrar entre a elite e a pobreza, precisa reafirmar constantemente seu capital a fim de se aproximar dos ricos e menosprezar a “ralé”, termo utilizado de maneira provocativa no livro (SOUZA, 2017, p. 96). Além disso, o mesmo autor também afirma que a legitimação da classe média parte da constante reafirmação de uma suposta superioridade financeira e social dessas pessoas.

Neste sentido, a problemática levantada na série de podcasts ultrapassa o caso que ocorreu há mais de 20 anos, evidenciando uma ferida aberta até hoje na sociedade brasileira: as heranças escravocratas que interferem, entre outras esferas, no comportamento social. De acordo com o próprio Felicci, o podcast “é um retrato do Brasil” (OLIVEIRA, 2022, *online*), fazendo referência às relações entre patrões e como alguns deles veem aqueles que lhes prestam serviços, como descritos na história.

Portanto, se propõe a refletir sobre o comportamento dos personagens de “A Mulher da Casa Abandonada”, levando em conta que os atos cometidos por eles têm profunda ligação com práticas históricas e socialmente construídas ao longo dos anos no contexto brasileiro. Para esse intuito, a primeira parte do texto discute a relação elite e poder no contexto brasileiro para, em seguida, analisar a narrativa, com base nos procedimentos propostos por Motta (2005), explorando trechos dos episódios que servem como exemplos para a discussão proposta.

Para a análise, são evidenciados trechos do podcast que demonstram a perpetuação de noções classistas e racistas, sob a justificativa de um saudosismo ao passado escravista e racista, partindo, especialmente, da elite/classe média representada na narrativa.

2. ELITE E PODER

As atitudes de Margarida são reflexo de um passado escravocrata, socialmente presente nos comportamentos da classe média e elite brasileira. Souza (2017) afirma que a ausência de políticas que trabalharam em prol da população negra logo após o fim da escravidão, em 1888 e anos seguintes, corroboraram para a perpetuação do

preconceito e garantia de que negros não teriam as mesmas condições sociais que brancos. Sendo assim, “libertá-lo [o escravo] sem ajuda equivale a uma condenação eterna” (SOUZA, 2017, p. 47). Isso, portanto, contribui para as noções racistas e preconceituosas acerca dos negros, que se mantêm com novas roupagens e justificativas até hoje.

Em decorrência disso, para exercer a superioridade sobre os demais, os indivíduos não precisavam ser necessariamente ricos, mas precisariam ter capital social. Nesse sentido, aqueles que se estabeleceram socialmente em períodos anteriores saem na vantagem. Dessa forma, “[...] considerações de status predominavam sobre as considerações de cálculo econômico” (SOUZA, 2017, p. 47). É nesse contexto que a “ralé” surge, termo provocativo empregado por Souza (2017).

A mulher negra, contudo, trilha um caminho diferente. Como já na escravidão a especialização dos seus serviços era voltada para o trabalho doméstico, a situação foi menos desfavorável para elas durante o período de transição. Isso ocorre porque os estrangeiros que migraram para o Brasil preferiram contratar profissionais para as atividades de casa e, por isso, a quantidade de empregos nessa área cresceu e tornou-se mais fácil para essas mulheres encontrarem um emprego assalariado (SOUZA, 2017).

É nesse contexto em que Margarida, protagonista do podcast, se embasa para cometer o crime contra a sua empregada, bem como para manter seus comportamentos classistas e racistas contra aqueles que prestam serviços para ela.

3. MARGARIDA, A “MULHER DA CASA ABANDONADA”

Como caminho metodológico, a pesquisa segue os procedimentos apontados por Motta (2005). Assim, objetiva-se “[...] interpretar dinâmica e sistematicamente a essência do fenômeno observado, compreender as diversas camadas significativas do objeto empírico como objeto intencional de nossa percepção” (MOTTA, 2005, p. 4). Para isso, neste resumo, a análise foi desenvolvida em duas partes. Na primeira delas, será feita a apresentação do caso em si, a fim de realizar a “recomposição da intriga ou do acontecimento jornalístico” (MOTTA, 2005, p. 4). O próximo passo se concentra em compreender o papel desempenhado pela personagem Margarida. Nesta etapa, ocorrerá “a construção de personagens jornalísticas (discursivas)” (MOTTA, 2005, p. 7), espaço

dedicado a mostrar as representações que são construídas pela personagem Margarida e, a partir dela, a dos outros. A seguir, apresenta-se a síntese da análise.

Margarida é acusada, junto com o marido René Bonetti, de escravizar a funcionária Hilda Rosa dos Santos, de 65 anos, no estado de Washington, nos Estados Unidos da América (EUA). Ela teria levado a mulher do Brasil como um presente de família, para seguir prestando serviços domésticos a ela no outro país. Eles se mudaram para os EUA em 1979 (*FOLHA DE LONDRINA*, 2000, *online*). O ministério público federal do estado de Maryland acusou o casal de três crimes: terem mantido uma imigrante ilegal, ter feito isso para fins de exploração trabalhista visando vantagens financeiras e agressão física. “Analfabeta em português e falando com ajuda de uma intérprete, Hilda disse que uma vez sua patroa jogou-lhe sopa quente no rosto e no peito porque não gostou da forma como ela havia feito a sopa” (*FOLHA DE LONDRINA*, 2000, *online*). Além disso, Hilda disse, em depoimento, que Margarida arrancou-lhe os cabelos até sangrar em outra ocasião, por não ter gostado da forma que ela escovou o cachorro da família. Hilda se manteve em condições análogas à escravidão até 1998. A situação só teve uma intervenção quando ela foi ao hospital, levada por vizinhos do casal Bonetti, para tratar um tumor do tamanho de uma bola de futebol no estômago. Na ocasião, Hilda relatou os abusos em uma entrevista a assistentes sociais (*FOLHA DE LONDRINA*, 2000, *online*). A partir deste momento, o Federal Bureau of Investigation (FBI), iniciou as investigações após denúncias feitas por vizinhos e uma instituição religiosa que acusavam os Bonetti de maus tratos. “O casal forçou Hilda a trabalhar sem salário, negaram-se a levá-la a médicos quando ela precisou e mantiveram-na em condições desumanas de habitação no porão da casa do casal, localizada em bairro de classe média alta” (*FOLHA DE SÃO PAULO*, 2000, *online*). René, que na época tinha 51 anos, marido de Margarida, foi condenado pela justiça americana a seis anos e cinco meses de prisão e a pagar US\$ 110 mil, por salários não pagos, nos termos da lei estadunidense. Margarida, também acusada, foi dada como foragida desde o início do julgamento, em 1999 (*FOLHA DE SÃO PAULO*, 2000, *online*).

É nesse contexto em que o podcast analisado se baseia. O conflito trabalhista entre os Bonetti, em específico Margarida, que foi encontrada por Felitti morando em sua casa em Higienópolis, local que permanece desde o dia que fugiu da justiça americana.

Margarida é apresentada aos ouvintes logo nos primeiros minutos do primeiro episódio do podcast, intitulado “A Mulher”. Margarida, que se apresenta à Felitti como Mari, aparece durante uma discussão sobre um corte de uma árvore na rua da casa abandonada. Ela, que utiliza uma camada de pomada branca no rosto, se opunha à derrubada da árvore afirmando que “isso é um crime” (A MULHER DA CASA ABANDONADA, 2022, *online*). O crime apontado por Margarida é, na realidade, uma ordem da defesa civil do município, já que a árvore apresentava risco aos moradores e residências em torno. A postura de se posicionar contra um suposto e infundado ‘crime’ é seletiva, tendo em vista o passado que Margarida carrega. Essa visão é reconhecida quando, no segundo episódio, de nome “A Casa”, um dos vizinhos afirma: “Ela sempre fala em polícia, de chamar a polícia, para todo mundo ela chama a polícia. Sendo ela acusada de um crime desse de racismo, de escravidão na verdade” (A MULHER DA CASA ABANDONADA, 2022, *online*).

Margarida também apresenta uma constante necessidade de reafirmação de sua classe, indo de encontro à tese de Souza (2017), na qual afirma que a classe média brasileira tem a necessidade de se distanciar dos pobres e, por consequência, tentar se aproximar dos ricos. Isso fica claro com o tratamento dado aos funcionários da prefeitura, que fazem o corte da árvore, já que ela afronta e ataca os trabalhadores por estarem realizando seu próprio trabalho.

Em outra ocasião, também descrita no primeiro episódio, Margarida trata com desdém uma funcionária de uma farmácia em que foi atendida. Isso fica claro quando o próprio narrador pontua “o jeito que ela trata as funcionárias da farmácia lembra o jeito que ela tratou os funcionários da prefeitura, que lembra o jeito que uma certa elite brasileira trata quem está trabalhando para ela há pelo menos 500 anos” (A MULHER DA CASA ABANDONADA, 2022, *online*).

Outro fator determinante na postura de Margarida é a casa em que mora. Apesar de estar em estado de abandono ou “em pandarecos”, como consta na descrição do podcast, a mulher insiste em viver naquele espaço, já que ele representa uma ligação com o que um dia ela já foi. Esse simbolismo fica claro pois “[...] considerações de status predominavam sobre as considerações de cálculo econômico” (SOUZA, 2017, p. 47), conforme posto acima. A casa também representa a nostalgia sentida por Margarida, de um passado em que ela tinha status social e financeiro.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história da “Mulher da Casa Abandonada” (2022) evidencia que apesar de já terem se passado mais de 100 anos da abolição da escravidão brasileira, as cicatrizes deixadas pelo período ainda fazem parte da rotina da população do país. Assim como Hilda, outras muitas mulheres e homens são submetidos até hoje a condições análogas à de escravos.

Revisitar histórias passadas, com uma nova abordagem, coloca mais uma vez na agenda pública problemáticas que ocorreram no passado, mas que permanecem atuais. Assim, pessoas como Margarida, que passam impunes pelos crimes que cometeram, podem ser freadas a seguir reproduzindo preconceitos e crenças racistas e classistas.

“A Mulher da Casa Abandonada” (2022) mostra que passados como a escravidão não acabam quando terminam, e que segue sendo imprescindível reverter um cenário de desprezo enraizado e praticado contra classes e etnias.

REFERÊNCIAS

A MULHER DA CASA ABANDONADA. [Locução de]: Chico Felitti. [S.l.]: Wondery, julho 2022. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/0xyzsMcSzudBIen2Ki2dqV>. Acesso em: 5 maio 2024.

MARCIO AITH. **Folha de São Paulo**. Brasileiro pega 6,5 anos de prisão nos EUA. Washington: Folha de São Paulo, 2000. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1508200019.htm>. Acesso em: 5 mai. 2024.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise pragmática da narrativa jornalística**. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Vol. 28. Intercom, 2005.

PAULO SOTERO. **Folha de Londrina**. Governo dos EUA processa casal brasileiro por manter empregada como escrava. Estados Unidos: FOLHA DE LONDRINA, 2000. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/geral/governo-dos-eua-processa-casal-brasileiro-po-r-manter-empregada-como-escrava-243723.html?d=1>. Acesso em: 5 mai. 2024.

SOUZA, Jessé. *A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato*. Leya, 2017.

REBECA OLIVEIRA. **Folha de São Paulo**. 'É um retrato do Brasil', diz Chico Felitti sobre podcast A Mulher da Casa Abandonada. Washington: Folha de São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/2022/07/e-um-retrato-do-brasil-diz-chico-felitti-sobre-podcast-a-mulher-da-casa-abandonada.shtml>. Acesso em: 5 mai. 2024.